

Entre o mar e os Apeninos

Marche preserva heranças de diversas raízes em um território limitado por belas colinas, à esquerda, e pelo litoral do mar Adriático, à direita

Por Edoardo Coen Fotos: Agência Nacional Italiana de Turismo (Enit)



As colinas são marca registrada de Marche. Na foto, a cidade de Ancona, capital administrativa da região

Desta vez, nossa viagem nos leva para Marche, na área central da península italiana.

É uma região onde predomina a colina, e cujo litoral, banhado pelo mar Adriático, lhe determina o sistema viário, já que a autoestrada A-14 a percorre beirando-lhe as praias.

É uma terra cheia de pequenas localidades, com burgos encravados nas alturas de seus montes, e onde a vida dos moradores ainda se rege pelas antigas tradições.

Marche nasceu como unidade étnica na idade do ferro. Desde aquela época, era habitada pelos picenos e, em 268 a.C., passou a fazer parte do estado romano. A partir da queda deste, assumiu o nome de Marca d'Ancona.

No século X, já estavam unificados vários territórios de fronteira (as “marcas”, do alemão *mark*), como o de Camerino, de Ancona e de Fermo, então localizados na composição jurídica do Sacro Império Romano. Em 1861, com a anexação da região ao Reino da Itália, tiveram a denominação novamente alterada, vindo a chamar-se oficialmente Marche — e a palavra logo passou, em italiano, a ser usada no plural, para lembrar as primitivas marcas definidoras dos limites geográficos.

Ancona

A primeira etapa da nossa visita é Ancona, a capital administrativa da região. Fundada pelos gregos de Siracusa em 387 a.C., levava o nome de Ankon, palavra grega que significa “cotovelo”. De fato, a cidade surgiu num promontório que se lança ao mar, assumindo assim uma forma que lembra justamente a de um cotovelo dobrado. Porto de mar importantíssimo

durante a Idade Média, foi uma república marinheira, como Veneza, Genova, Amalfi e Pisa.

Um dos mais admiráveis símbolos da cidade, o Domo de S. Ciriaco, erigido no século XIII, constitui nítido exemplo da arte românica mesclada a elementos bizantinos e góticos. Foi construído sobre a área de um templo grego (dedicado a Afrodite) do século I a.C., edifício cujos restos podem ser visitados no subsolo da igreja. Outro monumento que merece a nossa admiração é a Igreja de S. Maria de Portonovo, em estilo românico. Desperta a atenção do visitante por sua planta singular e pelo fato de se encontrar aos pés do monte Conero, quase à beira da praia.

Mas Ancona não é rica apenas em igrejas. Do tempo da dominação romana, quando representava o porto principal, voltado para o comércio com o Oriente, temos o estupendo Arco de Trajano, de 156 d.C. A Idade Média se faz presente com vários edifícios, como o Palácio do Senado, do século XIII, com sua magnífica fachada românica, e o Palácio dos Anciões, de 1250, concebido no puro estilo gótico.

Chegamos agora à Praça do Papa, bem no centro dos bairros mais antigos da cidade. Na verdade, o nome oficial é Praça do Plebiscito, mas ela é chamada de “do Papa” por conta de uma estátua de Clemente XII situada bem ao centro. Como em todas as praças medievais, nela aparecem os símbolos dos dois poderes então majoritariamente constituídos: o Palácio do Governo e a Igreja de S. Domingos.

Para uma agradável visita, o leque das localidades que Marche nos oferece é vasto: Ascoli Piceno, Macerata, Senigallia, Camerino, Pesaro, Urbino e outros, além de San Marino (a mais antiga



Entre as heranças romanas está o Arco de Trajano, de 156 d. C., localizado em Ancona, que na época era a porta para o Oriente

República independente no mundo, que, embora não pertença à Itália, está encravada em território italiano). Decidimos assim penetrar nos pequenos povoados, cuja antiga estrutura persiste, conservada por seus moradores — que, apesar do gosto pela tradição, não recusam a modernidade.



O Domo de S. Ciriaco é um dos monumentos mais belos da cidade. Sob a construção, que data do século XIII, estão ruínas de um templo grego dedicado a Afrodite, as quais podem ser visitadas pelos turistas

Iesi

A poucos quilômetros de Ancona, surge Iesi. Nela, existem traços de um passado multissecular, muito embora associados a sinais do expansionismo moderno. Isso sem falar no núcleo fechado pelas muralhas medievais do século IV, cujos contornos ainda seguem as diretrizes do antigo traçado romano, já que Iesi, desde 257 a.C., fazia parte dos domínios de Roma.

O bairro mais antigo pode ser reconhecido na área limitada pela Porta dos Artilheiros e pelo Arco do Magistrado. A cortina das muralhas que o caracteriza é intercalada por poderosos torreões, nos quais se apoiam residências de tal modo distribuídas que transformam essas fortificações em novos caminhos urbanos. Penetrando no interior do bairro, percorrendo ruelas estreitas, chegaremos à Praça de Frederico II, na qual aparecem o domo já referido, o complexo de S. Floriano e os palácios barrocos Ripanti e Belleani, conjunto ao qual se somam ainda a Fonte das Leas e o Obelisco Central, que imprime uma característica monumental ao conjunto.

Não podemos deixar de fazer uma visita ao Palácio Pianetti-Tesei, uma singular interpretação do barroco-rococó, onde podem ser admirados um jardim à italiana e a galeria dos estuques, além da Pinacoteca Municipal, sediada no local.

Gradara

Pela estrada litorânea, rumamos em direção ao norte. Passando por Sinigallia e por Pesaro, chegamos em Gradara, edificada sobre as colinas do Vale do Tavallo. Gradara é realmente uma

janela aberta para a Idade Média. O trágico caso de amor de Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, que Dante immortalizou na sua *Divina Comédia*, deu-se justamente no castelo do burgo. Percorrer o centro histórico, fechado pelo círculo das muralhas recobertas de hera, com suas ameias perfeitamente conservadas, desperta

no visitante um sentimento que o transporta ao passado.

Esse antigo vilarejo — que chegou a ser ocupado pelos romanos, os quais lhe deram o nome de Grata Aurea (do latim, significando “clima ameno”) — foi, por volta do ano 1000, sede da paróquia de S. Sofia. Entre as famílias que lhe tiveram domínio, a dos Griffio celebrizou-se pela construção de um grande torreão, para o estabelecimento de um completo sistema defensivo. Em seguida, o burgo viveu sob a autoridade dos Malatesta (até o século XV), aos quais sucederam os Sforza e os Della Rovere. Posteriormente, passou a fazer parte do Estado da Igreja.

As poucas ruas do interior da cidadezinha, inteiramente pavimentadas com pedras, são organizadas em volta de um espigão principal e ladeadas por casas antigas bem conservadas. Lojas e restaurantes, comuns nessas ruas, dão mostra da transformação turística da localidade.

A principal atração, no entanto, é o edifício da Fortaleza (*Rocca*), onde se ingressa por uma ponte elevadiça. Ali, severos e despojados ambientes se mesclam, a exemplo de uma sala destinada ao guardas, uma masmorra, alguns salões suntuosos e um quarto não menos imponente — este último, aliás, ao que a tradição indica, foi o local onde ocorreram os encontros entre Paolo e Francesca.

Aos viajantes que tiverem mais tempo, uma recomendação: as cidades de Urbino, Fano,



Pesaro e Ascoli Piceno guardam verdadeiros tesouros de arte. Em Urbino, especialmente, a grandiosidade do renascimento italiano se revela com a imponência do Palácio Ducal e com a Galeria Nacional, que guarda telas de Rafael, Ticiano e Piero della Francesca. É também lá que fica a casa onde nasceu o grande pintor Rafael.

Por outro lado, Ascoli Piceno, erguida em puro estilo medieval e renascentista, conserva a Loja dos Mercantes, a Igreja de S. Francisco e a Praça do Povo, além da arte oferecida pela própria natureza: a visão da costa marítima de Fano, a panorâmica do monte Conero e o cenário do desfiladeiro de Furlo.



Acima, a cidade de Ascoli Piceno, onde as colinas e as construções em estilo medieval e renascentista compõem a beleza de seu cenário. Abaixo, a Igreja de S. Francisco, um dos monumentos da mesma cidade

